

Soldado da liberdade avançará

Desperto numa posição incômoda. Estico-me e bocejo. Sonolento ainda, oiço vozes que começam a quebrar o silêncio daquilo que foi uma noite calma mas vigilante.

Estou numa posição militar avançada, de grande importância estratégica. Nalaze, para lá de Maqueze, a caminho de Chigubo, na província de Gaza.

Há vários poços de água em volta do acampamento militar. Escolho o menos concorrido e um soldado oferece-se para ajudar-me a banhar. Não há balde, mas o capacete de guerra serve.

Aqui já estamos, posso dizer, muito à vontade. O bandido nem pode piar. A população está conosco. Você vai ver que daqui a pouco vem para aqui muita gente, uns para viajar outros para procurar comida — confidencia-me o soldado da liberdade.

Enquanto nos banhamos, oiço ao fundo o roncar de motores de ca-

miões de transporte de gado. Preparam-se para partir para o Chibuto, Guijá e mesmo Xai-Xai. **Dantes os camiões não andavam por aqui de qualquer maneira** — esclarece-me.

Mulheres novas e velhas, crianças e homens adultos, começam a chegar à povoação comercial de Nalaze. Alguns trazem informações sobre a movimentação dos bandidos. Porque «à noite não se dorme: descansa-se!»

O Comissário-Político disse-nos que devem viver ali em volta cerca de duas mil famílias. Mas que esse número nem sempre é certo porque os que ainda vivem em zonas seguras têm para ali vindo procurar abrigo. Um deles segreda-me que os bandos armados, para além dos assaltos que têm feito, procuram sempre saber quem é o «majhonejhone» (trabalhador das minas na África do Sul) que chega ou que vai chegar

para emboscá-lo à sua passagem para casa ou assaltá-lo mesmo na sua residência. Ultimamente tem sido esse o seu alvo preferido.

Uma volta pelos arredores do acampamento, parando aqui e acolá para beber sumo de canho com a população, ficámos a saber um pouco daquilo que são os resultados da seca: celeiros vazios, ossadas de gado que morreu de fome e sede, gente mal alimentada.

No acampamento militar, à hora da refeição, várias são as pessoas que se juntam aos soldados. A comida não é muita mas divide-se o que há.

E a vida começa a voltar ao normal. Os bandidos ainda não acabaram mas, um soldado da liberdade diz-me convicto: **Não quero morrer na cama. Prefiro morrer no combate. Por isso estamos aqui e avançaremos!** □

Jovens que já são heróis

Paulo Francisco Maúze, Filipe Chauque e Armando Mugabe, são três jovens com menos de dezasseis anos de idade, mas que são já heróis da luta contra os bandidos armados.

Filipe é o mais falador e deixámos que ele nos contasse as suas aventuras. Diz que um grupo de bandidos foi assaltar a sua casa. Roubaram tudo e eles foram, como muitas outras pessoas raptados pelos assaltantes que lhes obrigaram a servir de carregadores.

Andámos com eles. Isso foi no dia 2 de Janeiro. Chegámos à base dos bandidos e retiveram-nos lá. Comíamos mal. Éramos mal tratados. Então, quatro dias depois resolvemos fugir e conseguimos.

Dois cortes de cabelo em forma de cruz na cabeça, identificava os prisioneiros dos bandidos. Mas nem por isso os jovens temeram procurar as posições das Forças Armadas Moçambicanas (FPLM),



Os três jovens heróis cuja coragem permitiu que as FAM desmantelassem duas bases dos bandos armados. Ao seu lado, Sebastião Mabote promete: «Vocês serão os nossos futuros generais»

a fim de informar o que se passava na zona.

E tiveram sorte — diz-nos o Tenente-General Mabote — Nesse dia eu avançava numa coluna militar e encontrámo-los. Eu próprio os interroguei e eles prontificaram-se a levar-nos às posições dos bandos. Graças a eles conseguimos destruir duas bases dos bandidos.

Numa delas, entre outras coisas roubadas à população, encontrámos mais de 1 milhão de meticais em dinheiro.

Os jovens sorriam e acenavam afirmativamente às palavras do Tenente-General Mabote. E sentiam-se orgulhosos pela sua conduta.

E mais se abriram ainda num sorriso, quando o Tenente-General lhes disse que no seu regresso a Maputo os levaria consigo. Vocês serão os futuros generais.

De facto, dias depois, seguiram com destino a Maputo com a esperança de um futuro promissor que bem merecem. □

Um traidor e cobarde



Carlos Tivane e sua sobrinha Cacilda Mathe a quem prendeu e entregou aos bandidos

Carlos Tivane é mais do que um traidor e homem sem honra: um cobarde. Um homem que em troca da sua sobrinha ganhou a confiança dos bandidos armados.

Passou-se em Fumane, Manjaca, ze. Sua sobrinha Cacilda Mathe, saíu da aldeia e foi à cidade em busca de géneros alimentícios. No regresso, foi acusada de ter ido dar a conhecer às autoridades, a posição de um grupo de bandidos que se tinha instalado na referida zona (essa base já foi desmantelada).

Por ordem dos bandidos, Carlos Tivane teve a baixeza de ir prender sua própria sobrinha, acorrentando-a nas pernas, para entregá-la na então base dos bandidos.

E se Cacilda Mathe não chegou a sofrer represálias por parte dos bandidos, foi porque logo a seguir a sua base foi assaltada pelas FAM.

Que seria da tua sobrinha se a base não fosse desmantelada? Onde está a tua honra? Que espécie de pai é você? — perguntas que

lhe foram feitas ao longo de um interessante diálogo que se deu no decurso do comício popular havido recentemente no Chibuto, presidido pelo Marechal da República, Samora Machel.

Foram as próprias populações que lhe perguntaram. E Carlos Tivane, demonstrando um à-vontade que não sentia, respondeu com aquele ar próprio de cobarde: Era a minha vida em jogo. □

Bandido é bandido!

No campo, a população não tem dificuldades nenhuma em distinguir um bandido de um soldado das FAM. Porque não há nenhuma semelhança entre eles, tanto no aspecto físico como ideológico.

O soldado das FAM apresenta-se devidamente trajado e equipado. Minimamente alimentado. A sua arma não dispara contra a população indefesa. Convive pacificamente com os camponeses, co-



A caça do piolho. Os bandidos não tomam banho, nem lavam a roupa. Por isso as carraças e outros parasitas sentem-se bem com eles

mendo, bebendo e discutindo a sua vida. Planificando em conjunto as táticas a utilizar contra a acção

dos bandidos. O soldado das FAM não dá restos de comida ou peles de gado para a população comer.

Um elemento dos bandos armados, logo à primeira vista não esconde o seu ar de subnutrido. Brilho assassino nos olhos que só inspiram desconfiança e insegurança. Anda roto e não toma banho. Sua pele normalmente apresenta indícios de sarna. A arma que leva consigo vomita fogo para todo aquele que não é soldado. Rouba gado e obriga os seus proprietários a transportarem-no para onde lhe convém. E ali só come carne quem é de facto bandido, porque os camponeses que eles raptam e que a maior parte das vezes servem de carregadores para os objectos que roubam à população, só come os restos de pele.

São as próprias populações que nos revelam essas características. Porque são elas que vivendo nas zonas onde os bandidos actuam, sofrem represálias destes e sabem distinguir o bem do mal. São elas que muitas das vezes são obrigadas pelos bandidos a carregar minas e a abrir buracos nas estradas. Minas que vão destruir vidas humanas e viaturas. Viaturas que por ali circulam para levar às populações os artigos de que necessitam e que não conseguem produzir no campo. □



Um bandido não se confunde com um soldado das FAM. Eis a sua apresentação física

“Comíamos peles...”

Diariamente regista-se uma entrega massiva de bandidos com ou sem as suas armas, nas várias posições militares que combatem os bandos armados na província de Gaza.

Comíamos peles. A carne eram os chefes que comiam. Entre eles havia muitas festas. Enquanto comiam a carne do gado que roubam à população, embriagavam-se com as bebidas tradicionais que obrigam às mulheres que raptam para fazer e dançam ao som de música de aparelhos também roubados ou entoam as canções deles — afirmou Júlio Cossa, que os bandidos raptaram para servir de carregador e que veio a ser capturado pelas FAM.

Estávamos no recinto do presídio de Chibuto, onde mais de 40 indivíduos que foram capturados ou que se entregaram às nossas forças, tentavam contar o que foi a sua vida com os bandos armados. Entre eles, há os que de facto fo-



Júlio Cossa:
«Comíamos
peles»



Artigos roubados à população pelos bandos armados

ram raptados pelos bandos. Todavia, outros há que colaboraram de sua livre vontade, dado o seu baixo nível de preparação política.

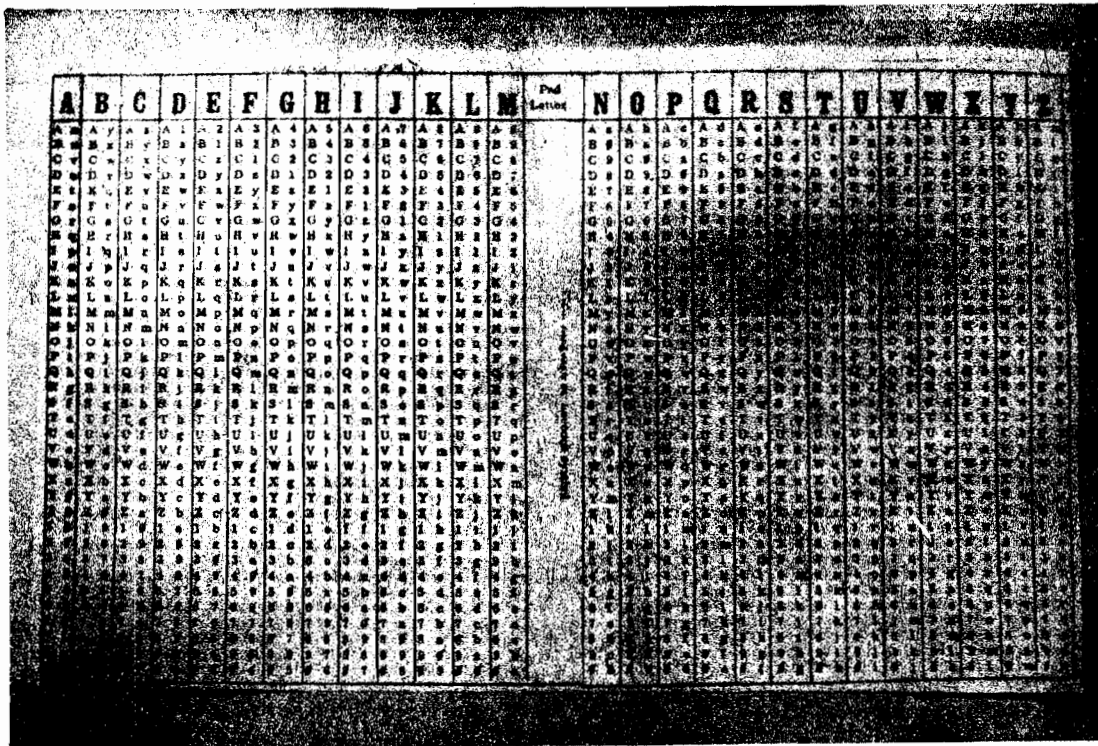
Nelson Mabunda, um outro prisioneiro, disse que foi raptado em data que não faz ideia. Treinou na mata e recebeu uma arma de fogo. Diz que **participei em assaltos a autocarros e lojas. Uma vez cheguei a matar um milícia num controlo rodoviário. A base onde eu estava foi desmantelada pelas FAM**

e eu fugi para ir-me esconder em minha casa. Mas acabei por ser descoberto e preso.

Sansão Júlio e Samuel Novele, crianças com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos, tinham sido raptadas juntamente com muitos outros camponeses. Chegaram a viver numa base dos bandos armados em Inhambane. Foram treinadas e receberam armas, munições e sacudus. Um dia, dizem eles, fugiram com mais quatro jovens,

de noite. Avançaram até à casa de um familiar onde pediram para esconder as armas e o resto, para não serem vistos pelas FAM. Mas estas já sabiam da sua movimentação. Porque, apesar de alegarem ter fugido dos bandidos para se juntarem à família, ao longo dessa fuga fizeram alguns assaltos. O vício já lhes tinha sido incutido pelos bandos armados. E foi esse vício que os traíu e que levou à sua captura. □

Apoio sul-africano



Código de comunicações computarizado. Um dos vários documentos encontrados com os bandidos e que mais uma vez prova o apoio que têm recebido dos sul-africanos

De entre armamento diverso, equipamento e outros objectos que as FAM capturaram nos assaltos a bases dos bandidos armados, são vários os indícios que não deixam margens para dúvidas sobre o forte apoio sul-africano aos bandos armados. Citemos como exemplo os livros contendo códigos sofisticados de comunicações computarizados e a grande quantidade de pára-quadras (já muito rotos por serem utilizados para em-

balar os artigos que roubam à população).

E como nos diria Fernando Chilingue, que em Agosto do ano passado foi raptado pelos bandos armados e com eles viveu até Dezembro, **eu via helicópteros aterrar lá na base de Chimangotso. Não me lembro bem, mas parece que era às quartas e quintas-feiras. Quem pilotava os aparelhos eram boers que por vezes traziam sol-**

dados boers também. Não ficavam ali muito tempo. Para aterrarem, cá de baixo faziam-se sinais de luzes. Nós que ainda não merecíamos confiança dos bandidos, ficávamos afastados para não escutar as conversas deles e só nos podíamos aproximar do local depois dos helicópteros terem levantado voo, para irmos carregar armas, munições e outras coisas que eles traziam. □